

Recebido em 30/05/2019. Aceito em 03/07/2019.

OS SENTIDOS DE PRISÃO NA POESIA DE ADELIA STEDILE DE MATOS

THE SENSES OF PRISON IN THE POETRY OF ADELIA STEDILE DE MATOS

Anna Clara de Oliveira Carling¹Cristinne Leus Tomé²

RESUMO: Neste trabalho serão analisados os sentidos da mulher em dois poemas do livro *Sobre mulheres e vidas*, publicado em 2014, de autoria da poetisa sinopense Adelia Stedile de Matos. A análise será desenvolvida sob os moldes teórico-analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como norteadores os conceitos de Condições de Produção, Formações Imaginárias, Discursivas e Ideológicas, Interdiscurso e Sujeito. Além disso, será apresentada uma pesquisa biográfica da poetisa, como forma de contribuir com as condições de produção dos discursos. Esta biografia foi construída a partir de entrevistas com a própria poetisa e com professores da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), local onde ela estudou e trabalhou. De maneira específica buscou-se compreender como se formam as imagens do sujeito-mulher na poesia de Adelia. Conclui-se que as mulheres de Adelia são constituídas por formações ideológicas que colocam esse sujeito em prisões formadas pelas relações de poder entre homens e mulheres, relações estas legitimadas pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Adelia Stedile de Matos. Análise do Discurso.

ABSTRACT: This Project presents the biographical research on Adelia Stedile de Matos, a notable poet from Sinop, Mato Grosso, it also analyses all the possible meanings related to women in her book, *Sobre mulheres e vidas*, published in 2014. The analysis follows the principles of the French Discourse Analysis, taking into account the concepts of conditions of production, imaginary, discursive and ideological formation, interdiscourse, and positioning theory. The author's biography was put together by a number of interviews given to the professors of Universidade do Estado de Mato Grosso, institution where Stedile studied and has worked for years. Specifically, the purpose of this paper is to comprehend how images of women as a subject are constructed in Adelia's work. Therefore, we conclude that Adelia's women are composed by ideological

1 Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). annaclaracarling@gmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Curso de Pedagogia e do Mestrado Acadêmico do Curso de Letras do Câmpus de Sinop, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GEEL), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Leituras Urbanas e suas materialidades discursivas socioambientais no Norte do Mato Grosso. cristinne.tome@unemat.br

formations that put them in prisons built by power relations between men and women, relations which are legitimated by society.

KEYWORDS: Woman. Adelia Stedile de Matos. Discourse analysis.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar de que forma a representação da mulher se materializa na poesia de Adelia Stedile de Matos, tomando como base a teoria da Análise do Discurso de linha francesa como metodologia analítica. Como não há registrado nenhum estudo sobre a autora, constituir-se-á uma biografia que contribui para as Condições de Produção deste trabalho. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a autora, e analisados dois de seus poemas presentes na obra *Sobre mulheres e vidas*, publicada em 2014.

Observando o panorama sócio histórico da sociedade, é possível perceber o caráter de dominância do homem em relação à mulher. Materializam-se os preconceitos, a falta de direitos, a pouca autonomia, a violência (velada ou explícita), a falta de liberdade e opressões sofridas pela mulher por imposições de uma sociedade que dava voz unicamente ao homem. Apesar de a condição social da mulher ter sido expressivamente equilibrada em relação à figura masculina nos últimos tempos, ainda existem muitos pontos de desarmonia. Transformando essas questões em trabalho de interpretação, intencionou-se, nesta pesquisa, contribuir para esse importante debate, e, ao mesmo tempo, destacar a emergente cultura matogrossense.

O trabalho foi dividido da seguinte forma: primeiramente será apresentada uma breve biografia de Adelia Stedile de Matos, cuja figura tem grande importância para a sociedade sinopense. Esta parte da pesquisa teve cunho na história oral, que serviu de apoio para um melhor tratamento dos dados coletados.

Em seguida, foi desenvolvido um estudo sobre a teoria da Análise do Discurso, onde foram explicitados os conceitos que servirão de base para as análises, sendo estes as Condições de Produção, as Formações Imaginárias, Discursivas e Ideológicas, o Interdiscurso e o Sujeito. Portanto, amparados na teoria da Análise do Discurso, buscou-se analisar de que modo os sentidos do Discurso da/sobre a mulher são evidenciados na poesia de Adelia Stedile de Matos, intencionando contribuir com as discussões a respeito da disparidade entre homens e mulheres em sociedade.

O *corpus* de análise é constituído por 2 poemas de Adelia, os quais serão a ponte para o acesso aos discursos da/sobre a mulher materializados pela autora. Daremos enfoque às prisões da mulher, que são os sentidos mais fortemente percebidos no delinear das análises.

Nas considerações finais são discutidas as conclusões que as análises possibilitaram, que apontam que a constituição do sujeito-mulher é guiada pela memória discursiva que se tem desse sujeito e, por este motivo, os sentidos que se constituem sobre a mulher são permeados de aprisionamentos.

1. ADELIA STEDILE DE MATOS: UMA BIOGRAFIA

A partir de entrevistas semiestruturadas, tanto com Adelia quanto com professores da Universidade do Estado de Mato Grosso – câmpus Sinop, as seguintes informações foram colhidas.

Adelia Stedile de Matos, filha de Lodovino Pedro Stedile e Emma Simionatto, nasceu no dia 01 de maio de 1948 no distrito de Charrua, interior do município de Getúlio Vargas, no Rio Grande do Sul, e aos 3 anos mudou-se para o município de Cidade Gaúcha, no noroeste do Paraná, onde viveu a infância inteira em uma zona rural. Filha de agricultores, ela conta que a infância foi muito difícil. Estudava, na década de 50, em uma escola multisseriada chamada Escola Municipal Borges de Medeiros, localizada no interior da cidade. Mas apesar das dificuldades, Adelia narra que sua professora daquele período, Suely Oliveira de Lucena, foi fundamental para seu desenvolvimento.

Minha professora de 1ª a 4ª série multisseriada, era uma professora fora de época. Ela seria uma professora que as escolas hoje procuram para trabalhar. Aquela professora envolvida, aquela professora esforçada, comprometida, que vai buscar recursos, que vai buscar elementos, que vai buscar motivação e trabalha a realidade da criança. Para mim ela foi uma base muito grande, ela fez uma revolução na minha vida. (MATOS, 2018a).

A família era muito grande e um problema de pele assolava a ela e a outros três irmãos, dentre um total de 11, sendo eles, por ordem de nascimento: Francisco Pedro Stedile, Adelia Stedile, Otília Stedile, Lorena Stedile, Euclides Miguel Stedile, Terezinha Stedile, Alerina Stedile, Belmiro Luiz Stedile, Marisa Stedile, Eliane Stedile e Armindo Antonio Stedile. A doença genética de nome Xeroderma Pigmentoso é caracterizada pela grande sensibilidade à luz solar, o que, na família de Adelia, ocasionava muito cuidado para que os portadores da doença não se expusessem longamente ao sol.

Aproximadamente no ano de 1963 aconteceu uma forte geada, seguida por uma seca que ocasionou incêndio, destruindo toda a plantação de café e capim das terras de sua família. Essa sequência de infortúnios obrigou seu pai, Lodovino, a vender as terras de Cidade Gaúcha e se mudar com a família para a cidade de Toledo – PR, lugar onde ela e algumas de suas irmãs estudaram, sob muitas dificuldades, na Escola Normal Colegial Imaculado Coração de Maria, um colégio particular católico. Lá sofreu muito preconceito por vir de uma família de baixa renda e estar num ambiente dominado por pessoas de grande posse monetária. Além disso, percebia que seu problema de pele agravava as situações de preconceito.

Tinham várias situações que a gente passava porque éramos pobres. Então as principais perseguições eram pelo jeito de vestir, porque a gente era pobre e envergonhava o colégio. Nunca ninguém jogou na cara da gente, mas não precisava jogar. Falar, a gente falava errado. O sotaque, o linguajar da gente mostrava que a gente era caipira, do mato. (MATOS, 2018b).

Adelia conta que sua família sempre a incentivou a estudar. Além de sua avó, diversas tias e irmãs também se dedicaram à carreira docente. Sua professora do ensino fundamental também foi uma importante figura para que o interesse por ser

professora despertasse. Já no começo de seu ensino médio, iniciou sua carreira como professora, ministrando aulas para uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. Além disso, nessa mesma época dava aula para turmas do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um programa que visava a alfabetização de adultos. Esse programa funcionou dos anos 1970 a 1985, quando, com a restituição da República, foi extinto (OLIVEIRA; SOUZA, 2012). Por ter iniciado a profissão como docente tão cedo, sua experiência sobre o fazer pedagógico ainda não era vasta. “Faz mal lembrar a minha inexperiência, a minha falta de conhecimento. Eu ter ido para a sala de aula sem a mínima fundamentação teórica, sem estágio, sem nada...” (MATOS, 2018a).

Contudo, seu trabalho continuou a se desenvolver, até que em 1969 passou no concurso de professores de Toledo - PR. Apesar da conquista, a cidade era muito conservadora, então a chegada de novos professores à escola a qual Adelia foi direcionada abalou as estruturas que se mantinham no ambiente escolar. Por isso, foi coagida a desistir de sua vaga no concurso. Foi com o apoio de seu pai que, apesar da pressão de seus colegas, ela se manteve firme na ocupação de sua vaga. No entanto, como o Brasil se encontrava no período de Regime Militar, – movimento que teve início em 1964 com um golpe de Estado e teve seu término em 1985 com a restituição da República, por meio de manifestações da população, sendo um período de bastante repressão, onde qualquer expressão que fosse considerada subversiva era controlada (TODA MATERIA, 2018) – seu trabalho não foi fácil.

Entretanto, apesar das dificuldades, Adelia se orgulha de seu trabalho como professora. Considera que aprendeu muito sobre educação ao longo do tempo, adquiriu experiências importantes, mesmo em ambientes que não facilitavam o trabalho de maneira proveitosa. “As escolas que eu trabalhei, a grande maioria eram públicas. Todas elas muito mais me ensinaram do que eu ensinei, porque para mim foi um aprendizado e a vida está sendo um aprendizado constante” (MATOS, 2018a).

Nesse período, Adelia se casou em Toledo – PR, no dia 24 de novembro de 1973 e, ao lado de seu marido Osvaldo Henrique de Matos, teve três filhos: Renato Stedile de Matos, Liliane Stedile de Matos e Renata Stedile de Matos.

No decorrer de sua vida profissional, Adelia chegou a ser diretora de uma escola em Toledo, passou por várias outras unidades escolares como professora, até que, após 1 ano sem trabalhar por não ter condições de se locomover à escola que foi designada, Adelia migrou com seu esposo e filhos para Sinop – Mato Grosso, em 1986.

Assim que chegou em Sinop, Adelia trabalhou como professora em algumas escolas públicas e privadas da cidade, até que em 1990, ingressou na primeira turma do Curso de Pedagogia da Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT), que, posteriormente, viria a se tornar a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Como a Universidade ainda estava em processo de implementação, a continuidade da instituição em Sinop ainda não era certa, logo, eram necessárias intervenções recorrentes como forma de informar a sociedade da importância da implantação e permanência da Universidade no município. Por conta disso, Adelia ficou muito tempo fora de sala, em reuniões do Colegiado do Curso de Pedagogia, por ser sempre ativa nas questões referentes à UNEMAT. Em entrevista, o Professor Doutor Aumeri Carlos Bampi e o Professor Doutor Fiorelo Picoli lembraram a atuação de Adelia na UNEMAT.

Ela foi uma pessoa que contribuiu decisivamente para a consolidação, também, do curso de Pedagogia. Primeiro como aluna, organizando também o Diretório Estudantil que era uma questão importante, porque os alunos começaram também a mostrar suas necessidades, ou seja, o que eles pretendiam e o que necessitavam para ter uma formação adequada. (BAMPI, 2018).

A Adelia é tida como uma das maiores lutadoras da Universidade. Desde a implementação até a sua permanência [...], tendo em vista que a UNEMAT era para ser privatizada aqui, e a Adelia com o grupo da Pedagogia fez de tudo para não deixar acontecer, ela enquanto acadêmica. Então, a Adelia tem uma importância muito grande para UNEMAT. (PICOLI, 2018).

A partir dos relatos dos professores que acompanharam o processo de implantação da UNEMAT, bem como a formação de Adelia enquanto acadêmica, podemos imaginar as adversidades existentes naquele período, da mesma forma que fica evidente a relevância da autora para a referida Instituição, visto que Adelia lutou pela UNEMAT em seus períodos mais vulneráveis.

Após finalizar sua formação, Adelia regressou com a família para Toledo, em 1996, pois as circunstâncias em Sinop não eram as melhores. Ela havia pedido exoneração de seu cargo como professora pois o salário era muito baixo e não conseguia conciliar os estudos com o trabalho na escola e os afazeres doméstico. Entretanto, em Toledo os planos não seguiram como o imaginado, então, depois de 9 meses Adelia retornou novamente a Sinop, em 1996. Ela voltou a trabalhar como professora na escola Nossa Senhora da Glória e, após cerca de dois anos, em 1998, passou no concurso para professores da UNEMAT, tornando-se, assim, professora efetiva da Instituição.

Na Universidade ministrou diversas disciplinas, principalmente de Estágio Supervisionado, que é a disciplina que mais gostava. Além disso, foi Chefe de Departamento de Pedagogia, tomando frente de um dos períodos mais difíceis do Departamento, pois era a fase em que o Curso estava sendo avaliado para a definição do reconhecimento ou não, como curso institucionalizado.

Seu trabalho continuou na Universidade, intercalando seus esforços ora como professora, ora administrando cargos de coordenação, tanto no câmpus de Sinop como em outras unidades, como Juara - MT, onde, em 2001, coordenou o núcleo em seu período de implantação. O Professor Doutor Aumeri Carlos Bampi, que foi quem a convidou para o desafio da abertura do câmpus de Juara, lembrou essa fase:

É uma pessoa que tem que ser reconhecida e admirada no seu processo de configuração histórica também, pelas dificuldades que passou, mas nunca se rendeu às condições dadas, buscando superar desafios, seja aqui nas condições que às vezes na sala de Pedagogia elas tinham que sentar nas cadeiras de pré-escola. [...] quer seja quando foi para Juara e buscar toda a instalação do núcleo, que viria a ser um câmpus posteriormente. E isso tinha que abrir mão, às vezes, da sua própria convivência familiar... Por estar há 300 km de distância, e isso não é uma questão fácil... Se deslocar para Cáceres, para outros locais nos cursos que tínhamos no interior... Isso em meio a muitas dificuldades. Estradas intrafegáveis, dificuldades de locomoção, dificuldades de recurso... tudo isso eu creio que ela conseguiu superar, não no sentido de conseguir trazer todas as condições, mas superar e dizer "nós podemos

fazer uma educação bem feita”, não independente das condições, mas buscando condições melhores e vendo com o que é possível trabalhar. (BAMPI, 2018).

Entre idas e vindas de Juara a Sinop, Adelia retornou ao câmpus de Sinop onde se manteve até sua aposentadoria, em 2011. Depois de aposentada, a autora reuniu poemas sob a temática da mulher e, em 2014 publicou o livro *Sobre mulheres e vidas*, obra que é o interesse desta pesquisa, que relata em vinte e cinco poemas, a vida de mulheres de várias idades e em várias situações e condições.

Em relação à literatura, foi, também, a partir da família e de sua primeira professora que Adelia se desenvolveu enquanto leitora. Ela conta que iniciou sua fase de escrever poemas nas escolas onde trabalhou. Inicialmente, seus poemas abordavam temáticas de cunho ecológico e ambiental, que eram temas que deveriam ser trabalhados nas escolas, e ela viu no poema uma forma de abordar esses assuntos de forma prática. Também gostava de fazer paródias sobre os temas das aulas.

Adelia diz que nunca estudou poesia, que se considera uma leiga sobre assuntos técnicos referentes ao gênero, e tudo o que sabe sobre poemas, aprendeu lendo poemas de outros poetas. Apesar disso, é possível perceber um rigor nas suas criações literárias.

Quando perguntada sobre o porquê de escrever, a poetisa deu a seguinte resposta:

Porque tenho essa preocupação de deixar um recado, porque um dia eu não vou mais estar aqui, mas meu recado vai estar. Eu tenho preocupação também que esse recado seja o mais claro possível, que ninguém tenha a obrigação de desvendar, de tentar quebrar a cabeça para saber o que a Adelia quis dizer com isso. [...] Eu não tenho sonho que o mundo conheça meus livros. A partir do momento que você escreveu e lançou, eles não são mais seus, é do mundo, então eu tenho essa preocupação. É para ficar a minha marca para os meus netos dizerem futuramente “alguém fez alguma coisa”. E se alguém hoje gostar ou não gostar, criticar, elogiar, para mim nada a ver, tô nem aí. Eu quero mais é escrever. Eu vejo uma obrigação minha em registrar alguma coisa de tudo o que eu aprendi. (MATOS, 2018c).

Adelia utilizou toda esta inspiração e vontade de escrever para compor um trabalho literário sobre a mulher, trazendo seu conhecimento para essa produção, que diz respeito às mulheres e meninas do passado e do presente, bem como mulheres que sofrem e outras que são felizes.

A autora percebia desde criança atitudes que evidenciavam a superioridade da figura masculina, e não entendia aquilo. Foi observando sua realidade que Adelia iniciou suas reflexões a respeito do modo como a mulher era tratada pelos outros. Em sua juventude, sua indignação se acentuava, em decorrência das inúmeras situações vividas por ela e suas irmãs, principalmente.

Conta ela que a juventude foi cercada por episódios de supremacia masculina, os quais eram legitimados pela sociedade em geral, cabendo pouco espaço para discussões. Simone de Beauvoir (1970, p. 9), uma importante filósofa das discussões sobre o papel da mulher em sociedade, postula em seu livro *O segundo Sexo* que “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos [...]. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”.

Foi principalmente na Universidade que os debates sobre a mulher começaram, o que iniciou, também, sua busca por estudar a fundo sobre esse assunto. A partir do surgimento da Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, popularmente conhecida por Lei Maria da Penha, as discussões se intensificaram. Foram proporcionados eventos sobre mulheres, grupos de estudos dentro e fora da Universidade, em parceria com outras instituições. Além disso, Adelia teve o auxílio de outras professoras para iniciar seus estudos na questão de gênero.

Esse aspecto é lembrado até hoje pelas pessoas da Universidade quando se fala no nome da poetisa. O professor Dr. Aumeri Carlos Bampi relembrou os feitos de Adelia enquanto professora da UNEMAT.

Dentro dessa formação em Pedagogia ela foi também sempre uma pessoa que se dedicou à questão de gênero. Ela fez discussões muito importantes aqui, foram várias noites de estudos interdisciplinares em relação à questão da mulher, sobre a questão da violência, da arte, das várias situações que envolvem o público feminino, que é um público da educação em sua maioria. Mas também com temas que não se fixavam apenas nessa questão acadêmica, ela tratou de temas relacionados a essa situação da mulher envolvendo várias concepções na sociedade, trazendo pessoas da área jurídica, da área do trabalho, da arte, da religião, porque era uma questão importante. (BAMPI, 2018).

Imprime-se, então, a importante atuação de Adelia frente às questões da mulher, a qual movimentou debates, como lembrado pelo prof. Dr. Aumeri, na sociedade sinopense, que foi constituída também sob um sistema patriarcal.

Ela conseguiu fazer o seu trabalho de discutir questões de gêneros quando, por exemplo, nem se discutia isso na sociedade brasileira, ou a discussão era ainda incipiente, inicial, nem acontecia. E ela foi muito provocadora e também provocativa aqui no contexto sinopense. Era uma cidade que, querendo ou não, também se instalou com uma visão muito patriarcal, então eu diria que a professora Adelia tem uma visão importantíssima do ponto de vista da intelectualidade, de questionar todas essas raízes implantadas aqui, da forma com que a sociedade se desenvolveu, e também dentro da Universidade, porque aqui dentro da Universidade se replicavam essas formas patriarcais. (BAMPI, 2018).

O professor Doutor Josivaldo Constantino dos Santos reforça essas lembranças das mobilizações de Adelia:

E ela sempre foi envolvida com questões de gênero sim, ela sempre foi uma defensora dos direitos das mulheres. Eu lembro que em momentos anteriores a Adelia estava participando de movimentos na cidade, [...] ela se reunia com promotoras, com advogadas, com médicas, com outras mulheres, e sempre fazia um evento sobre mulheres na UNEMAT. (SANTOS, 2018).

Com todo esse arcabouço teórico constituído por todos os anos de estudo sobre a mulher, Adelia uniu seu conhecimento com o desejo de fazer poesia, o que lhe rendeu uma série de poemas que expressam o ser mulher, englobando aspectos sociais e cotidianos, da infância, juventude e velhice.

Eu me inspiro em dores das mulheres, mesmo dores que não apareçam. Eu vou na igreja, vou nos lugares e fico analisando as mulheres, por que elas estão com esses traços. Algumas você percebe que tem traços de alegria, de felicidade no rosto, de vida feliz. E outras tem o traço triste. E eu as vezes abordo elas e pergunto o que eu posso e assim que a gente começa a perguntar, elas vão se abrindo. (MATOS, 2018c).

Dessa forma, percebe-se a importância de Adelia para a sociedade sinopense, pois contribuiu de modo significativo, primeiramente como professora das escolas e posteriormente na UNEMAT, onde se desdobrou pela instalação permanente da Instituição em Sinop, além de ter movido importantes discussões e debates sobre a mulher em Sinop, gesto valoroso para a comunidade sinopense. Adelia foi membra da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), associação criada em 2008. De acordo com o site oficial da Academia, trata-se de uma entidade com a função de motivar a literatura nos diversos ambientes, de promover e divulgar a produção dos membros, promover concursos literários e apoio nas diversas manifestações culturais de Sinop.

Adelia é uma representante da produção literária sinopense atual. Seus poemas tratam da mulher nas suas diversas realidades. Através de uma linguagem simples, Adelia elucida questões do cotidiano e questões sociais desse sujeito. Seus versos são, em sua maioria, rimados, compassados e divididos em estrofes, entretanto, é possível encontrar poemas em versos livres e sem rimas. Sobre isso, Candido (2006) elucida que a poesia não é intrínseca a versos e rimas, ela existe além destes, podendo, inclusive, ser encontrada em gêneros da prosa, por exemplo.

A seguir analisaremos os sentidos de prisão que são evidenciados em dois de seus poemas. Antes, porém, é importante destacarmos e explicitarmos o campo teórico que servirá de base para a compreensão dos sentidos mobilizados nos escritos de Adelia.

2. A ANÁLISE DO DISCURSO COMO MOLDE ANALÍTICO

Tendo em vista o surgimento da Linguística nos anos 1916 com a publicação dos escritos de Ferdinand de Saussure, o *Curso de Linguística Geral*, sabemos que houve uma dicotomia entre língua e fala. A língua era considerada um sistema abstrato de regras, passíveis de serem analisadas e sistematizadas por serem consideradas estáveis. Já a fala não foi inserida nos estudos de Saussure por ser considerada um processo individual, instável, dependente das condições de enunciação de cada indivíduo (INDURSKY, 1998). Pêcheux, entretanto, percebendo a necessidade da historicidade na constituição da linguagem, formula, no final dos anos 1960, a Análise do Discurso (doravante AD), disciplina esta que, segundo Baronas (2008, p. 11) “consiste em uma teoria não-subjetiva da linguagem que concebe o sujeito não como o centro do discurso, mas como sujeito cindido pelo inconsciente e interpelado pela ideologia”. No entanto, Pêcheux reformulou conceitos da Linguística, como sabemos, e emprestou, reformulando-os também, noções de outras áreas, como da Psicanálise, do Materialismo Histórico e da Teoria do discurso, representada por Orlandi (1983, p. 100) como “a determinação histórica dos processos semânticos”. Além destas, a AD é atravessada por uma teoria do sujeito derivada da Psicanálise. No entanto, como lembra Orlandi (2015a, p. 15) “não se trata de se fazer uma adição ingênua dos três para desembocar em uma teoria do discurso”, mas sim de um trabalho de reformulação dos conceitos para que surgisse a Análise do Discurso.

A Análise do Discurso é um campo de conhecimento que observa a linguagem para além de suas questões estruturais. Para Orlandi (2004) o trabalho da Análise do Discurso não é compreendido como a aplicação dos conceitos das ciências sociais na Linguística ou vice-versa, mas uma reelaboração dessas disciplinas para desembocar na AD, buscando relacionar a linguagem aos seus elementos exteriores. De acordo com Oliveira (2005, p. 12) “a Análise de Discurso opera com a não-transparência de uma linguagem que não fixa os sentidos no texto, mas que significa e produz sentidos, os quais são socialmente construídos”, ou seja, os sentidos não são construídos no texto, mas na relação do texto com sua exterioridade. O enunciado significa quando relacionado às suas condições de produção, às suas formações discursivas e ideológicas, à consideração do sujeito clivado, e, a partir daí, o enunciado passa a ser encarado como discurso.

O trabalho da AD está intimamente ligado aos sentidos e à interpretação. De acordo com Orlandi (2015b) a interpretação é condição do ser humano. Estando sujeitos à linguagem e à história, a interpretação deriva dessas relações. Para Orlandi (2015b, p. 24) “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentido. É saber como as interpretações funcionam”. Além disso, para a autora (2004) o sujeito mostra sua direção no momento em que significa, pois a interpretação está determinada pelo lugar em que o sujeito que interpreta ocupa. Ou seja, a interpretação está profundamente relacionada às formações discursivas e ideológicas do sujeito.

2.1 DISCURSO E IDEOLOGIA

A Análise do Discurso se diferencia dos outros campos teóricos da Linguística por se debruçar sobre o discurso enquanto objeto de estudo, ao passo que outras disciplinas colocam nessa posição, a língua, a fala, a estrutura da palavra. No entanto, a linguagem tem papel fundamental na teoria do discurso, por ser a partir da língua que o sujeito significa, produz sentido no mundo. Porém, a maneira com que observamos a língua na AD é diferente, pois consideramos que “o dizer tem história” (ORLANDI, 2015b, p. 47), ou seja, todo dizer já vem carregado de sentidos múltiplos, a língua não é neutra e transparente, mas sim prenhe de sentidos que não estão em nossa alçada controlar. Partindo disso, entendemos que o discurso não é igual à língua ou à fala ou ao texto, mas tem relação com estes na medida em que é a partir deles que faz aparecer o discurso.

Para Pêcheux (2010a, p. 81) o discurso é considerado “efeito de sentidos entre locutores”. Brandão (2012, p. 11) conceitua o discurso como “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”, ou seja, o discurso é a materialidade da ideologia na língua, ele é o produto do encontro entre língua e ideologia.

Orlandi (1983) define uma tipologia de discursos, sendo eles o discurso autoritário, o discurso polêmico e o discurso lúdico. Essa tipologia é definida principalmente sob como os interlocutores se relacionam e como se relacionam com o objeto do discurso. O discurso autoritário é aquele em que só um locutor fala e o ouvinte deve ouvir, sem haver possibilidades de leitura polissêmica. Já em relação ao discurso polêmico, procura-se controlar a polissemia, havendo pouco espaço para várias interpretações. Outros sentidos são possíveis, mas são guiados pelo sujeito que detém a relação de força mais poderosa no momento de interlocução. O discurso lúdico é o discurso em

que a polissemia é aberta, não há relações de força maiores ou menores entre os locutores, logo os sentidos são livres para se constituírem. Este último tipo de discurso é o qual acreditamos se encaixar em nosso trabalho aqui empreendido, pois se trata de um discurso poético, no qual, se for levado em conta no seio de sua técnica de análise (teoria literária), já nos é sabido que o sentido do poema, em relação a outros gêneros literários, é mais aberto, há maior possibilidade de produção de sentido.

Brandão (2012, p. 30) define que “[...] não há um discurso ideológico, mas todos os discursos o são. Essa postura deixa de lado uma concepção de ideologia como “falsa consciência” ou dissimulação, mascaramento, voltando-se para outra direção ao entender a ideologia como algo inerente ao signo em geral”. Na AD, descola-se esse conceito da ideia de visão de mundo e concepção de ideias. A ideologia é o mecanismo que mantém os sentidos, é por ela que, de acordo com Orlandi (2004, p. 31) “se naturaliza assim o que é produzido pela história: há transposição de certas formas materiais em outras [...], há simulação (e não ocultação de “conteúdos”) em que são construídas transparências [...] para serem interpretadas”.

Orlandi (2004, p. 28) nos esclarece que: “[...] não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma da relação mundo-linguagem se assenta na ideologia”.

Sendo assim, como defendido por Pêcheux (1995), é através da ideologia que temos a ideia de que o mundo é tal como ele nos é apresentado, é pela ideologia que temos a ilusão de que as palavras designam as coisas em decorrência da ilusão da transparência da linguagem.

2.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Todo discurso é produzido a partir de uma situação histórica e ideológica. Para a Análise do Discurso, prestar atenção a essa característica é fundamental, pois o dizer é definido a partir das chamadas Condições de Produção. Orlandi (2015a, p. 17) resume esse conceito formulando que

As condições de produção incluem, pois, os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em seu sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio histórico, ideológico, mais amplo.

De acordo com Brandão (2012) entendemos que esse conceito diz respeito ao contexto em que o discurso é produzido, levando em conta os sujeitos e suas posições, a ideologia dominante no momento de construção do discurso, as formações discursivas e todas as relações que determinam a produção do discurso. As condições de produção dizem respeito a toda a carga histórica e ideológica de determinado momento, bem como do inconsciente que atua sobre o sujeito, que não é dono de seu dizer, portanto só enuncia o que lhe é possível naquele momento social, histórico e ideológico, ou seja, naquelas condições de produção.

2.3 FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS, DISCURSIVAS E IMAGINÁRIAS

Segundo Brandão (2012), através da articulação entre ideologia e discurso surgem as formações ideológicas (FI) e Formações Discursivas (FD). Conforme Pêcheux (2010b, p. 310) “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais”.

Para Brandão (2012) uma formação ideológica tem intrínseca a ela várias formações discursivas. Essas formações discursivas constituirão as formações ideológicas. Como pontua Orlandi (2015a), as formações discursivas projetam, através da língua, as formações ideológicas, ou seja, é a partir das posições do sujeito, inseridas nas formações ideológicas, que, por sua vez, determinam as formações discursivas, que o dizer adquire um sentido e não outro.

Num determinado momento histórico e no interior mesmo desses aparelhos, as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação. Essa organização de posições políticas e ideológicas é que constitui as formações ideológicas (BRANDÃO, 2012, p. 47).

Tomé (2014, p. 363) discorre que “O sujeito, quando fala, adere à sua formação discursiva, se assujeita; é na prática discursiva que esse movimento se mostra”, portanto, é um movimento involuntário e psíquico, não nos damos conta deste funcionamento.

Os sujeitos, no discurso, ocupam lugares. Esses lugares são representados, de acordo com Brandão (2012, p. 44) “por uma série de ‘formações imaginárias’ que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”, ou seja, somos representáveis por imagens que o outro faz de nós e de si próprio e que nós fizemos do outro e de nós mesmos. As formações imaginárias, segundo Orlandi (2015b), são constituídas de relações de poder, que compreendem quem tem mais poder no discurso, quem tem o dizer mais valioso. Esses processos de significação são feitos inconscientemente, determinados pela ideologia dominante. Também fazem parte das formações imaginárias as relações de sentidos – o discurso tem relação com outros discursos, um discurso não é fechado em si próprio, ou seja, segundo Orlandi (2015b, p. 37), “não há [...] começo absoluto nem ponto final para o discurso”.

Todo dizer vem necessariamente definido pelas formações imaginárias. São essas formações que definem o modo como enunciamos, como buscamos significar para o outro, como estruturaremos nosso dizer para buscar o sentido que queremos que o outro faça de nosso discurso. É possível identificar essas relações nos postulados de Orlandi (2015b, p. 40), onde é definido que “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”.

2.4 O SUJEITO NO DISCURSO

Para a AD, diferentemente de outros campos teóricos, o sujeito não é considerado um indivíduo dono do seu dizer, ele é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, “a ideologia se manifesta (é falada) através dele” (MUSSALIM, 2006, p. 134). Nessa perspectiva, o sujeito tem apenas a ilusão de que tem autonomia sobre tudo o que diz, ele acredita que tudo o que é por ele enunciado, faz sentido da maneira que ele deseja, ou seja, o sujeito tem a ilusão da transparência da linguagem. Orlandi (2015b, p. 33) contribui para esse entendimento quando pontua que “embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”. Ainda para Mussalim (2006, p. 107), o sujeito é “definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem”. Em relação ao assujeitamento, Orlandi (1999) considera que o sujeito só é sujeito quando se utiliza da língua para fazer sentido, ou seja, é através do assujeitamento ao simbólico que o indivíduo passa a ser sujeito. Sobre este processo o sujeito não tem controle, pois é algo que acontece independentemente da vontade dele, é trabalho do subconsciente.

De acordo com Orlandi (2015a, p. 18),

[...] segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este representa [...]. Cada um desses lugares tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito. Por isso essas posições não são neutras e se carregam do poder que as constitui em suas relações de força.

2.5 INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA

Todo discurso tem necessariamente relação com outros discursos já produzidos em outro lugar e em outros tempos. Nada é criação individual, pois tudo o que enunciamos já foi dito em outra oportunidade. Estas considerações têm relação com a Memória Discursiva e o Interdiscurso, que são a memória do dizer. Nesse sentido, damos voz a Orlandi (2015a, p. 20) quando materializa que “O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer”. Para a mesma autora (2015b, p. 28), o interdiscurso é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”, então, é o interdiscurso, a memória discursiva que dão pano para a enunciação. A memória discursiva determina o dizível em determinada condição de produção, ela é a memória do dizer, e é nela que o sujeito busca as referências para sua enunciação, processo que ocorre inconscientemente.

Pêcheux (1999, p. 52) conceitua memória discursiva como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc)”. Sob esta ótica, a memória discursiva vem a ser tudo o que está disponível ao sujeito, todos os elementos já acontecidos que estão à disposição para a produção do discurso, e o Interdiscurso é o movimento da memória discursiva, é a memória que o sujeito lança mão para enunciar. O interdiscurso não deixa aparecer o

já-dito, que estabiliza os sentidos aceitos socialmente. É pelo interdiscurso, através de um trabalho ideológico, que ocorre a homogeneização das significações. Como explica Oliveira (2005, p. 13):

[...] o interdiscurso consiste no pré-construído e na articulação. O pré-construído, articulado pela ideologia, é a característica de qualquer formação discursiva que produz o efeito – através do hábito ou do uso – do ‘já dito’, que nos dá a impressão do fato ‘já conhecido’, ‘já sabido por todos’.

Compreendemos, nesse sentido, que o Interdiscurso e a Memória Discursiva estabilizam os sentidos, dão forma ao que conhecemos. Esses conceitos trabalham juntamente com a ideologia, que produz o efeito de apagamento desse pré-construído.

Tomando por base todo o arcabouço teórico formado até aqui, debruçar-se-á sobre a análise discursiva de dois poemas de Adelia sobre a mulher, escolhidos por levarem em conta questões sociais que dizem respeito à constituição da subjetividade da mulher socialmente.

3. AS MULHERES DE ADELIA

Adelia escreve da posição de uma mulher que foi construindo seu conhecimento sobre a condição feminina em sociedade, perpassando pelas transformações das relações de trabalho e afetivas, sempre buscando enxergar as adversidades infiltradas na existência desse sujeito. A autora escreve sobre a mulher em diferentes fases, desde a infância até a velhice, representando o cotidiano dessas personagens, que passam por momentos felizes e alegres, mas também momentos tristes ou de temor. Em nosso empreendimento, selecionamos dois poemas para a análise, cujos recortes retratam situações em que a mulher é tomada como objeto de dominação masculina. A seleção destes *corpora* ocorreu dada a importância de se estudar essas representações. Os poemas escolhidos se utilizam da língua e se relacionam com a história para significar, e é esse funcionamento que buscaremos observar, ou seja, procuramos compreender de que forma os poemas de Adelia produzem sentido, relacionando os dizeres com a sociedade.

As condições de produção dos poemas levam em conta as questões ideológicas que compreendem a sociedade patriarcal que objetifica a mulher. Quando se analisa a palavra “mulher” (ou suas derivações) em nosso *corpus*, todo o pré-construído que funciona sobre esse sujeito produz sentido na materialidade aqui trabalhada. Por este motivo a Análise Discurso relaciona a língua à história (ORLANDI, 2015b). Dessa forma, Massmann e Brasil (2017, p. 49) discorrem que “os sentidos postos em funcionamento se sustentam em diferentes condições de produção e fazem circular formações discursivas diversas que revelam a persistência de um conflito em torno da mulher”. Nos *corpora* selecionados para a presente análise, o que desponta de maneira bastante enfática são os sentidos de prisões. Mesmo quando a palavra “prisão” e suas derivações não aparecem, esses sentidos são mobilizados por outros elementos linguísticos, e é sobre eles que será dado enfoque nas análises. Serão apresentados os poemas, no intuito de compreender de que forma se constituem os efeitos de sentido de prisão na discursividade da mulher. Para uma melhor compreensão, os versos analisados foram destacados nos dois poemas que serão apresentados a seguir.

3.1 MEIRITA

Casas enfileiradas
Fazenda de grande porte
Vasto, vasto cafezal
Logo depois canavial
No Paraná do norte.

Cada casa uma família
A família e sua história
Donde vinha o que trazia
O que ali se fazia
Marcando uma trajetória.

Na casa número três
Morava um viúvo esquisito
Janelas e portas fechadas
Menina ali, aprisionada
Sem poder dar um só grito.

Mobília daquela casa
Quase nem existia
Uma cama, um fogão
Uma mesa, um caixotão
Cadeira improvisando pia.

Quando a mudança chegou
Com ela veio Meirita
Menina, moça, morena
Ainda muito pequena
Com seu vestido de chita.

Entrava dia e saía
De Meirita nem sinal
Silenciosa e cabreira
Passava a semana inteira
Num sumiço sem igual.

O viúvo saía bem cedo
Ela ficava sozinha
Prisioneira encarcerada
Toda desconfiada
E ele voltava à noitinha

É que Meirita dormia
Com o pai na mesma cama
Obrigada a se despir
Fazer suas vontades e sorrir
Depois silenciar o seu drama.

Naquela noite a lamparina
Foi posta na cabeceira, acesa
Sem querer testemunhava
Um "pai" que violentava
Uma inocente indefesa.

Por conta dos movimentos
A lamparina caiu, incendiou
Quanto mais Meirita gritava
Tanto mais se queimava
E a vizinhança chegou.

A notícia se alastrou
Para o espanto geral
O "pai" continuou sua rotina
O azar foi só da menina
Nunca se viu nada igual.

Meirita ficou de cama
Alguns dias dolorida
Se mostrava envergonhada
Quando era visitada
Por ser assim sua vida.

Seu braço direito ficou
Pra sempre no corpo grudado
Uma indagação no ar
Fazia-nos acreditar
O crime foi consumado.

Por onde andaré Meirita?
Dois mil e doze. Agora?
Homens que monstros são
Ela mártir, por que não?
Meiritas de hoje e de outrora.
(MATOS, 2014, p. 61-63).

O poema explicita o abuso sexual sofrido por uma menina, em que seu abusador era seu pai. Os dois moravam numa fazenda, vivendo uma vida reservada, um tanto misteriosa. A menina era silenciada pelo pai, pois a vizinhança pouco via Meirita. Levando em conta que o sujeito “tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro” (FERNANDES, 2008, p. 22), ou seja, o sujeito ocupa vários lugares na discursividade, no presente discurso, o sujeito dos versos fala da posição de menina interiorana, possivelmente em um tempo passado, visto que o texto fala sobre o uso de lamparinas, objeto que praticamente perdeu o uso com o advento da energia elétrica. Por estas condições de produção, fica mais marcado o patriarcalismo, por ser mais evidente nos tempos passados essa maneira da sociedade se constituir.

Inicialmente buscaremos focalizar a superfície linguística e a trama de sentidos que são movidos por ela, tendo em mente que “a linguagem é estrutura e acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história (e com o equívoco)” (ORLANDI, 2004, p. 12). Tomaremos o método de análise empreendido no texto *A linguagem em revista: a mulher-fêmea*, de Eni Orlandi (2003), onde a autora analisa os deslizamentos de sentido das marcas discursivas, bem como dos substantivos, adjetivos e verbos. Essa metodologia será replicada nos dois poemas aqui analisados. Em *Meirita*, os sentidos de prisão são observados desde o começo do poema.

Casas enfileiradas: o desenho de fileiras forma grades, utilizadas para aprisionar. Em materialidades linguísticas aparentemente inocentes, têm-se a formação dos sentidos predominantes no poema.

Obrigada a se despir: nesta construção linguística observamos as relações de poder que funcionam sobre a mulher. Seu pai obriga Meirita a “fazer suas vontades e sorrir”, ou seja, neste discurso funcionam tanto as forças das relações paternas para com os filhos quanto a força do homem sobre a mulher, que acredita ser de seu direito obrigar a filha-mulher a satisfazer seus desejos, sem reclamar e sorrindo.

O azar foi só da menina: aqui é possível observar o prestígio que os homens têm socialmente. É uma representação da sociedade patriarcal, onde o homem é legitimado a fazer o que imagina ser de seu direito, sobrando apenas para a mulher lidar com as marcas das violências de que fora alvo, visto que “O “pai” continuou sua rotina”, ou seja não foi o homem que sofreu com os crimes cometidos por ele.

Passemos agora à análise de alguns substantivos, adjetivos e verbos, que mobilizam sentidos para o *corpus* aqui analisado.

SUBSTANTIVOS

Prisioneira encarcerada: Nesta marca linguística os sentidos de prisão são deixados bem claros, além de serem reforçados pelos substantivos-adjetivos que apresentam dupla função nesta construção.

ADJETIVOS

Silenciosa e cabreira: estes adjetivos deixam evidente toda a construção social exigida da mulher. Em sua constituição como sujeito inscrito na história, as formações imaginárias sobre a mulher esperam desse sujeito a descrição. A mulher deve se portar

de forma que sua existência não abale as estruturas patriarcais, além disso, não deve se rebelar, pois ao destruir os preceitos de silenciosa e cabreira, deixa de ser considerada como uma mulher respeitável. Outros deslizos para os adjetivos que retomam o sentido de prisão são: Janelas e portas *fechadas* / Toda *desconfiada*.

VERBOS

Depois *silenciar* o seu drama: o silêncio, neste caso, é o de não ter voz. Como observado na maioria dos tempos sobre a mulher, o silêncio fez parte da maior parte da história desse sujeito. Não é diferente no poema aqui analisado, visto que a violência sofrida por Meirita deve ser silenciada. Para os verbos, as marcas de prisão são: Um “pai” que *violentava* / *Sem poder* dar um só grito.

Uma das primeiras prisões que aparecem no poema é a prisão da voz. A menina do poema não pode falar, não pode denunciar, pois depende do pai para sobreviver. Nesse sentido aparece mais uma forma de prisão: a financeira. Além disso, as relações de poder que operam entre pais e filhos também funcionam neste *corpus*, pois, por mais que o pai de Meirita seja um abusador, as imagens da relação pais-filhos produzem o sentido de que o filho precisa respeitar e obedecer aos pais, pois é deles a função de ensinar, por supor-se ser deles o conhecimento sobre a vida. Nessa perspectiva, a formação imaginária, para Mussalim (2006, p. 138) “faz parte das condições de produção de um discurso, na medida em que as imagens que o sujeito vai construindo ao enunciar vão definindo e redefinindo o processo discursivo” e são essas imagens que funcionam no processo discursivo em questão.

Apesar de Meirita não ser a causadora dos sofrimentos por ela passados, a sequência discursiva: *Se mostrava envergonhada* / *Quando era visitada* / *Por ser assim sua vida* demonstram a vergonha sentida pela mulher. Colocando esse dizer em relação à história, percebemos que essa sensação de vergonha é imposta às mulheres desde o nascimento, visto que as meninas são ensinadas a esconderem seus corpos, suas vontades.

Agora, passemos à análise do último poema constituinte de nossos *corpora*.

3.2 BARGANHANDO O SAGRADO

Todo processo possui
Um fim, um meio, um começo
Isso Vênus sabia
Como também refletia
Mas tudo tem o seu preço.

Escrevia, lia, discutia
Defendendo seu pensar
Andava sempre adiante
Com ideias abundantes
Firme em seu avaliar.

Vênus lia e pensava
Depois ia a campo checar
Relata o que o livro afirma
É fato, ela confirma
Se isola pra comparar.

Entre uma leitura e outra
Ao cotidiano se reporta
Sempre com mais certeza
Que o homem e sua esperteza
De sua sepultura cava a porta.

Lia sobre mulher
E ficava horrorizada
Sobre mulher escrevia
E mais lhe comovia
A mulher fragilizada.

O homem impõe orgulhoso
Várias formas de poder
A se comparar com a mulher

Tudo o que ele quer
É sua força exercer.

Entre hipóteses e diagnósticos
Vênus já garantia:
Quando o homem quer
Arrisca comprar a mulher
Explorando sua companhia.

Não tardou ela se viu
Nas redes de sua teoria
Osni que era ateu
Ir à missa prometeu
Há anos que não fazia.

É lógico que era estranho
Porém, ela não se deu conta
Osni falou baixinho
Depois vamos ao Espetinho,
A comida lá já está pronta.

Para a Igreja os dois se foram
Em seguida para o Espetinho
Chegando em casa ela viu
Quando ele se despiu
O tamanho de seu golpinho.

Ele a chamou para o quarto
E ficou bem nu lhe aguardando
Dizendo que viesse pagar
Por ele ter ido orar
Sem saída ela foi se arrumando

Osni atingiu o ponto alto
Ela nada sentiu de emoção
Perde o sono e se agita
Irritada não acredita
Naquela funesta armação.
Como caiu na armadilha
De Osni, seu maridinho?
Sentindo-se muito mal
Se viu uma pitada de sal
Sobre aquele espetinho.

Que sensação de impotência
Ser usada, barganhada
Sua condição de mulher
Naquele momento requer
Uma atitude a ser tomada.
(MATOS, 2014, p. 87-89).

Neste poema ocorre um deslize na maneira em que o sujeito-mulher se coloca no mundo. Inicialmente, Vênus (a mulher) é ativa na busca por conhecer a situação das outras mulheres. Entretanto, o texto acaba por produzir uma paráfrase quando retoma os mesmos sentidos de aprisionamento que causam a submissividade observada no poema anterior. Ou seja, há um conflito de discursos. Esse fenômeno pode ser compreendido quando Orlandi (2004, p. 30) expressa que “necessariamente determinado por sua exterioridade, todo discurso remete a um outro discurso, presente nele por sua ausência necessária”, ou seja, um discurso nunca é fechado nele mesmo, mas tem sempre relação com outros discursos.

O sujeito-mulher, neste discurso, se apresenta como alguém consciente dos problemas sociais que rodeiam as mulheres, entretanto, a memória não é apagada, e estes mesmos sentidos percebidos pela mulher do discurso, se constituem nela. Pêcheux (1999, p. 56) nos ajuda nessa compreensão pontuando que:

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulando ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Por este caráter heterogêneo e conflituoso da memória, é que ela não é esquecida e, pelo contrário, traz sentido aos novos sentidos formados. Dessa forma, é por isso que Vênus não conseguiu apagar da trama dos seus conflitos as imagens que remetem à constituição do sujeito mulher como alguém que deve sempre ser submissa, porque a memória está sempre lá. A memória não se apaga, pois é condição da constituição de novos significados. Orlandi (1999, p. 65) esclarece que “falar é esquecer. Esquecer para que surjam novos sentidos, mas também esquecer apagando os novos sentidos que já foram possíveis mas foram estancados em um processo histórico”, como é o caso da tentativa dos novos sentidos sobre a constituição da mulher neste poema, que acaba retornando ao mesmo. Passemos agora à análise das marcas linguísticas do poema.

Escrevia, lia, discutia: Estas ações dizem respeito aos estudos que Vênus fazia sobre a posição da mulher em sociedade e sobre as relações de poder exercidas pelo homem sobre o sujeito-mulher. Aqui temos a falsa impressão de que Vênus, por estudar e conhecer o funcionamento da existência da mulher, vai se desvencilhar dessas prisões.

Não tardou ela se viu / Nas redes de sua teoria: compreende a dificuldade de se livrar das amarras que cerceiam as mulheres, que, mesmo conhecendo a realidade que lhe diz respeito, se encontra nas mesmas condições. A escolha lexical ‘redes’ mobiliza os sentidos de aprisionamento.

Dizendo que viesse pagar: o homem se sente no direito de cobrar uma recompensa da mulher quando faz algo que lhe agrada.

Sem saída ela foi se arrumando: a prisão é materializada no verso, onde ‘sem saída’ demonstra a prisão velada. O homem não usou de força para exercer seu poder, mas exerceu o seu “direito” enquanto homem de cobrar o que a sociedade sempre legitimou como sendo seu.

Irritada não acredita: aqui a mulher se sujeita de forma diferente da mulher do poema anterior, pois se coloca como ativa nas perspectivas, mesmo que não tenha tido condições de subversão a esta situação.

Como caiu na *armadilha*: armadilha, para este caso, traz uma carga semântica que mobiliza o sentido de prisão escondida.

Uma *atitude* a ser tomada: Vênus, ao contrário da outra mulher analisada anteriormente, se coloca numa posição de luta contra a condição da mulher como um ser submisso às vontades do homem e sem perspectiva de mudança.

SUBSTANTIVO

Que sensação de *impotência*: esse substantivo mostra a revolta do sujeito-mulher frente a opressão de sua vontade. Impotência é um substantivo que impera no que diz respeito à construção da mulher socialmente. Outros deslizos para as prisões são observados em: O homem impõe orgulhoso / Várias formas de poder.

ADJETIVO

A mulher *fragilizada*: Vênus, estudando sobre a realidade da mulher, enxerga a fragilidade que rodeia esse sujeito. Tem-se a falsa ideia de que, por ela conhecer as tramas vivenciadas pelas mulheres, vai conseguir se desvencilhar dessa condição. Entretanto, as marcas do patriarcado são tão grandes que a fazem estar na mesma condição de fragilizada. Contribuindo com estes sentidos está o orgulho do homem em exercer sua força, como em: O homem impõe *orgulhoso*.

VERBO

Ser usada, barganhada: os verbos aqui destacados são os que sintetizam os sentidos principais do poema, pois o homem agrada a mulher esperando pela sua recompensa, atitude observada em várias situações que dizem respeito à mulher, que a obriga a ser grata por coisas que não é sua obrigação. Outros sentidos para a prisão são: *Explorando* sua companhia.

Vênus, pela sua condição de mulher, se vê nas mesmas situações que eram observadas por ela em suas leituras, ou seja, relacionando essa marca linguística às condições de produção desse discurso, a mulher, independentemente de sua posição na sociedade, sempre estará sujeita às prisões. A prisão, neste *corpus*, é a prisão social. A mulher para este discurso, mesmo sabendo de todas as relações de poder que o homem exerce, não consegue se desvencilhar dessas relações, pela configuração social que dita que a mulher deve agradar o marido, mesmo que seja obrigada a fazer o que não queira. Nesse caso específico, a mulher tem sua sexualidade controlada pelo homem, que, conforme observado pela própria Vênus, é capaz de fazer de tudo para exercer seu poder de dominador. Segundo Telles (2004, p. 337) "O discurso sobre a 'natureza feminina', que [...] se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando "usurpadora" de atividades que não lhe

eram culturalmente atribuídas, como potência do mal". Essas imagens contribuem para a estabilização da memória formada sobre a mulher.

O casamento exerce a prisão fundamental nesse *corpus*, visto que a mulher delega o controle do próprio corpo às vontades do homem. Em relação ao histórico da mulher, essas relações de dominância são observadas principalmente no passado, quando as mulheres muitas vezes eram vendidas para se casarem com o pretendente mais rico que surgisse. A partir disso, por ela ser um objeto adquirido por seu marido, suas vontades não eram ouvidas. Entretanto, toda essa história deixa marcas nos sentidos produzidos atualmente. Houveram vários novos sentidos sobre o casamento, no entanto ainda vigora com certa força essa tendência a obrigar as mulheres a fazerem o possível para a manutenção de seus casamentos, mesmo que não seja de sua vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a Análise do Discurso observa a linguagem na sua relação com a história, sempre na busca da compreensão do processo de significação que é posto em funcionamento quando da produção de um discurso (MASSMANN; BRASIL, 2017). Nessa perspectiva, a tarefa do analista do discurso não é simplesmente interpretar, mas compreender como os sentidos se constituem num texto, ou seja, como o texto gera um ou outros efeitos de sentido (ORLANDI, 2001a). Para este campo do saber, a incompletude é condição da produção de significação. Os sentidos não estão já-lá, mas se constituem com relação à exterioridade que os inaugura. Orlandi (2001b, p. 20) expressa que "o que chamamos discursividade é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história", por isso é necessário levar em conta os processos ideológicos em voga no momento da enunciação para que a análise aconteça de forma que se considerem os sentidos como únicos possíveis.

Com este trabalho, buscamos dar ênfase à produção literária constituída em Sinop, no intuito de dar prestígio a uma mulher que escreve sobre a mulher, pela importância que este feito tem para as mulheres, que sempre tiveram suas histórias contadas por homens. Além disso, o trabalho objetivou contribuir com as questões de gênero, e violência contra a mulher, discutindo como se produzem esses sentidos num texto poético.

A partir das análises, objetivamos compreender de que modo se constituem os sentidos sobre a mulher e, percebendo as regularidades dos sentidos de prisão nas produções, procuramos compreender como se formam essa rede de sentidos para as mulheres de Adelia. Percebemos que as prisões não acontecem apenas em sentido denotativo, mas em vários sentidos possíveis para a palavra prisão.

Por fim, este trabalho teve como objetivo, em ampla instância, homenagear a poetisa e professora Adelia Stedile de Matos, que é uma das produtoras do corpo literário sinopense, e foi uma pessoa de extrema importância para a educação de Sinop, tanto no ensino básico quanto no ensino superior. Portanto, enxergamos a importância de valorizar as pessoas que contribuem para o desenvolvimento cultural e educacional da região.

REFERÊNCIAS

- BAMPI, A. C. *Aumeri Carlos Bampi*: depoimento [maio 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop: UNEMAT, 2018. Arquivo em mp3 contendo 3,61MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.
- BARONAS, R. L. *Michel Pêcheux*: um pensamento sob o signo da inquietude. In: BARONAS, R. L.; KOMESU, F. (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CANDIDO, A. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- INDURSKY, F. O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas. *Gragoatá*, Niterói. n. 5, p. 111-120, 2. sem. 1998.
- FERNANDES, C. A. *Análise do Discurso*: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- MASSMANN, D.; BRASIL, P. Mulher e vulnerabilidade no direito brasileiro: uma questão de sentidos. In: BERTOLIN, P. T. M.; ANDRADE, D. A. de; MACHADO, M. S. *Mulher, Sociedade e Vulnerabilidade*. Erechim: Editora Deviant, 2017.
- MATOS, A. S. de. *Adelia Stedile de Matos*: depoimento. [mar. 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop, 2018a. Arquivo em mp3 contendo 12,8MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.
- MATOS, A. S. de. *Adelia Stedile de Matos*: depoimento [abr. 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop, 2018b. Arquivo em mp3 contendo 16,25MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.
- MATOS, A. S. de. *Adelia Stedile de Matos*: depoimento [jun. 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop, 2018c. Arquivo em mp3 contendo 11,50MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.
- MATOS, A. S. de. *Sobre mulheres e vidas*. Sinop: Ideall Editoras, 2014.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; CHRISTINA, A. (Org.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, M. de F. C. B. de. *A mídia e as mulheres: feminismos, representação e discurso*. 2005. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, L. B. de; SOUZA, S. T. de. A alfabetização no Mobral, métodos e materiais didáticos (Uberlândia/MG, 1970-1985). *Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, São Paulo, v. 1, n. 13, p. 11-37, set. 2012.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ____; Lagazzi-Rodrigues, S. *Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso e Interpretação. In: ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015b.

ORLANDI, E. P. A sociolinguística, a teoria da enunciação e a análise do discurso (convenção e linguagem). In: ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. Maio de 1968: Os silêncios da memória. In: ACHARD, P., et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. O estatuto do texto na história da reflexão sobre a Linguagem. In: ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: Formulação e Circulação de Sentidos*. Campinas: Pontes, 2001b.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b.

PÊCHEUX, M. *A análise de discurso: três épocas*. In: PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010a.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P., et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PICOLI, F. *Fiorelo Picoli*: depoimento [maio 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop, 2018. Arquivo em mp3 contendo 1,7MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.

SANTOS, J. C. dos. *Josivaldo Constantino dos Santos*: depoimento [jun. 2018]. Entrevistadores: Anna C. de O. Carling. Sinop, 2018. Arquivo em mp3 contendo 2,93MB. Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso sobre Adelia Stedile de Matos.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D.; BASSANEZI, C. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TODA MATÉRIA. *Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/> Acesso em: 18 jun. 2018.

TOMÉ, C. L. Sentidos sobre ser professor: a escola do professor-pioneiro em Cláudia-MT. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 3, p. 359-368, set.-dez. 2014.